

A VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
PA JULIO HILARIO VAZ



Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENÇA



Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XII

Melgaço, 1 de Fevereiro de 1958

DISADO PELA COMISSAO DE CENSURA
N.º 160

Paris

Podíamos intitular o capítulo de hoje desta maneira: — «Da humilhação de Bonby às glórias de Nanterre!» Porque foi este um dia de glória a Deus e à nossa querida Pátria.

Desde toda a semana que tínhamos prevenido tudo, para que a paroquial de Nanterre registasse um grande número de rapazes da nossa terra na assistência à santa missa. Era o segundo domingo passado em França e ficava bem reunir o maior número possível de conterrâneos e, com eles, oferecer a Deus o santo sacrifício da missa. Foi-nos pois marcada a hora e o altar, na paroquial de Nanterre. E na altura própria, viemo-nos aproximando.

Nos muros contíguos à igreja veem-se os jornais católicos de Paris devidamente afixados, de maneira que os leitores podiam observar as notícias mais importantes que iam pelo mundo, pelo horizonte católico.

Vamos sendo mais, muitos mais e, se o trânsito não ficou interrompido nas ruas de Nanterre, com a presença dos portugueses, a verdade é que àquela hora matinal, o público da terra olhava-nos com surpresa. Eramos muitos; graças a Deus! Mas o pior foi que não chegamos à igreja, exactamente à hora marcada e os serviços paroquiais, sobretudo a grand'messe, tinham as suas exigências. Procuramos o Sr. Abade, e ficou combinado irmos nós para a cripta. Estávamos até mais à vontade. E foi-nos então apresentado o chefe dos serviços da igreja, o sacristão-mór, um senhor muito alto, de porte fino, e nobre, envergando sobrecasaca e sobre ela uma espécie de condecoração.

Preparou-nos o altar, os paramentos, as velas e tudo o mais que fazia falta.

Começou a santa missa e foi meu ajudante um rapaz da minha terra de Fiães, dos seus vinte e poucos anos, da Jugaria. Tive pena de não estarmos tão bem preparados liturgicamente, como os fiéis que em cima ouviam e cantavam a sua missa. Como os fiéis de França estão actualizados! Como eles vivem a sua missa... Nós temos de contentar-nos com a reza do terço, para que alguns não estejam lá pelas igrejas, como estátuas imóveis e irreverentes.

Pois bem, não tínhamos a mesma preparação litúrgica, mas parece-me que o fervor religioso daquele dia e a nossa emoção não seriam menos agradáveis a Deus.

Na altura própria falei a todos. Naquela igreja de França naquela missa dominical, recordamos as igrejas tão bonitas da nossa terra, onde fomos baptizados, onde comungamos tantas vezes e onde ouvimos a santa missa. Falei-lhes de Deus, que era sempre e em toda a parte o mesmo Pai, com o Seu amor infinito e com a Sua presença. Recordamos Nossa Senhora e não esquecemos que, em França, muitos nos tem como gente da terra de N. Senhora de Fátima. Recordamos as nossas famílias e sobretudo a educação que nos deram ensinando-nos a amar a Deus. E recordamos um doloroso caso passado em Paris, ali perto, há muitos anos, com São Bruno. Assistia aos officios por alma de um seu antigo mestre na Universidade e pode contemplar, horrorizado, o cadáver levantar-se na eça. E disse aos amigos: Parem, por justo juízo de Deus estou condenado! O seu professor estava no inferno. Não valia a pena rezar mais por ele!

«Rapazes, vir trabalhar para França, encher a vossa casa de tanto dinheiro, como o fazeis e algum perder a alma, que tristeza!» A santa missa continuou. Pareceu-me que as orações dos meus conterrâneos eram mais

(Continua na 2.ª página)

José Gomes de Araújo

No passado dia 29 foi homenageado no Hotel Rarhaha do (Peso), o sr. José Gomes de Araújo, funcionário digníssimo e homem de bem, que passou na nossa terra.

Ao jantar assistiram cerca de 100 convivas, e foi promovido pelos srs. Pe Justino Domingues, Dr. António Cândido Esteves, Vasco de Almeida e João Hilário Gonçalves.

Aos brindes falaram, enaltecendo o carácter do homenageado os rev. d. padre Justino Domingues, Ernesto Viriato Ferreira da Silva, dr. Artur Anselmo, e outros.

Porque não podemos colher a notícia desenvolvida, em virtude de o jornal estar a entrar para a máquina, fá-lo-emos, mais desenvolvidamente, no próximo número.

Secção de Finanças

Foi nomeado para chefe da Secção de Finanças, local, o sr. Daciano Farinha Pinto, funcionário muito digno e cumpridor.

Ao bom amigo, os nossos cumprimentos.

Calendários

Teve a gentileza de nos ofertar dois calendários de parede, para uso desta Redacção, a acreditada firma «Filhos de João Nunes Sequeira, Lda», de Santo António das Areias, fabricante do famoso pimentão *Flor da Persina* inigualável em cor, aroma e sabor, sem dúvida, o melhor e mais puro pimentão que se fabrica em Portugal. Gratos.

Santa Casa da Misericórdia

A respeito da local que aqui publicamos, no último número, na qual registávamos a notícia de que os Srs. José Maria Pereira e Sargento Silva se haviam demitido da Mesa da Santa Casa, o Sr. Sargento Silva fez-nos chegar a informação de que ele se não demitiu pelo facto de ter sido escolhido o sr. prof. António da Ascensão Afonso com quem vive nas melhores relações, mas, sim, por se ter feito uma nomeação (tanto fazia que fosse a desse como a de outro) sem lhe terem dado conhecimento do facto, e que este não foi o único caso, mas, sim, o último duma série.

Se no último número do nosso jornal escreviamos que devia ser chamada a atenção de Sua Ex.cia o Sr. Ministro do Interior ou do Sub-Secretário da Assistência, para o facto, perante a desassomburada afirmação do Sr. Sargento Silva, julgamos que se impõe um inquérito, a fim de que Suas Ex.cias ou o Sr. Ministro do Interior ou o Sr. Sub-Secretário da Assistência se inteirem dos acontecimentos.

A rosa

Quando a conheci era bela!
(Amarga e eterna ilusão!
Todos se abeiravam dela
Para lhe roubarem o coração.

Soprando o vento mansamente
Num doce perfume embalada
Adormecia; queda — serenamente
Sob um Céu de cor prateada.

Quando por ela os velhos passavam
Tristes, trôpegos e engeitados
Pr'a ela os olhos levantavam
Recordando os tempos passados

Nunca os jovens esqueciam
Em suas recordações primeiro
E da sua beleza faziam
Do amor seu único mensageiro

E ela orgulhosa ostentava
A beleza da sua formosura
Desprezando sempre quem a olhava
Com tanto enlevo e ternura.

Mas a criança vai descuidada
E com sua mãozinha inocente
Passa e arrebatada com maldade
O sonho, a ilusão — de repente...

E eis que a rosa tão bela
Pois outra não era com certeza
No chão cai pétala por pétala
Perdendo para sempre a beleza!

E quantas jovens — quantas não haverá
Que sem terem da rosa a beleza
Esquecem que o destino trará
Por vezes desilusão e tristeza!

Artiménio Simões

o o o o o o o o o o o o o o o o o

Paris

(Continuação da 1.ª página)

fervorosas e mais quentes. Levantei nas minhas pobres mãos a santa hóstia, o meu Deus e pareceu-me que Ele estava a abençoar toda aquela gloriosa comunidade de fiéis. Levantamo-nos; fui agradecer ao Sr. Abade a gentileza, com que nos obsequiara e ofereci-lhe um "Porto". O "Porto" na França...

E vim para as construções, onde visitei a todos um por um.

O Gilberto, de Soutomente, já tinha vindo a tempo para nos ajudar. Mas aquela formosa e famosa colmeia de Nanterre estava animadíssima.

Todos deram a Santa Rita. Até rapazes de Espanha, vizinhos de Fiães. Nesta jornada por Nanterre, não posso esquecer o José Grande, aqui, de Rouças, de Cavaleiros, que me acompanhou e foi animador destes nossos confraternos. Também foi muito dedicado um rapaz de Gaviéria, que junto dos seus amigos me apresentou.

Eu podia considerar-me, apesar de tudo, entre gente conhecida e amiga. Meu tio, o saudoso Padre Matias Vaz, ali fora pároco durante vários anos até que se formou o Sr. Padre Afonso da Peneda.

Todos pois me ajudaram. E todos, com muita simpatia. Só um senhor, dos lados do Valeiral, é que resmungou contrariado.

— Que não, que nada devia aos portugueses. Eu pedi desculpa e retirei-me.

Uma nota pastoral, muito agradável: — um dos meus confraternos pediu-me que falasse com um nosso amigo e conhecido, que ali não praticava a religião.

Como gostei deste apostolado! (Alguns nossos compatriotas, quando vão para França, deixam a sua religião ali em Orense, na Galiza e depois, quando regressam tornam a levantá-la. Que pena... Mas este nosso amigo já aqui na terra era um pouco negligente.)

Foi um dia grande este de Nanterre. Voltei ao *Sacre Coeur* e ali encontrei o famoso Luís da Teresa, da Balsada, que há tanto tempo procurava. Este Luís da Teresa é o herói de um romance "Chama que renasce" e é uma figura curiosíssima.

Quando o Sr. Dr. João Durães era presidente da Câmara de Melgaço numa então famosa sessão anti-comunista, foi, a seu convite, um dos oradores. Viera de Espanha, quando da guerra civil e na sacada da Câmara falou com muita sinceridade e calor. Ele viera desse brasileiro e podia contar o que era o horror da guerra civil.

Há quanto tempo o não via. E' este Luís da Teresa, tão bom e tão infeliz na sua vida (a sua esposa viveu maritalmente com outro homem, casado também, e num dia de temporal para os lados do Rio, este ao pretender passar para Espanha, caiu no rio, que ia caudaloso, agarrou-se por uns momentos a uns arbustos da margem e por fim veio rio abaixo, desde as proximidades de Portocarreiro até à Balsada. A mão de Deus... Foi parar, já morto, sobre uma pedra do rio em frente da casa que ele estragara.

O Luís não estava então na terra, suponho. E nessa altura o Sr. Professor Ascensão Afonso procurou ainda salvar o infeliz, ainda nas proximidades de Portocarreiro. Mas já era tarde.

O Luís da Teresa... Onde o fui encontrar. Junto à basílica do Sagrado Coração de Jesus. A festa que nos fizemos, nós que tanto tempo vivemos juntos, felizes e satisfeitos nas terras do Rio. Pois estava agora em Paris, junto ao Sagrado Coração de Jesus.

E nunca mais me esqueceu o Gerales, de Alcobaça. O Gerales vivia também ali mesmo. Como são sacrificados estes nossos rapazes... Estava a casa a construir-se e já ali estavam a viver. Pois o Gerales estava de cama doente, com anginas. Fui visitá-lo, mas já o não encontrei, pois logo que soube da minha estadia ali perto, levantou-se e veio ele próprio trazer-me a sua generosa oferta. Como ele vinha! Agazalhado no seu casaco de pele, rua cima. Sentamo-nos e tomamos todos o nosso café. E falamos muito da nossa terra.

Dali fomos visitar o Manuel Arrogante e sobrinho, que viviam perto. Já os encontramos de cama, a descansar, para no dia seguinte voltarem cedo ao trabalho.

Ao apurarmos as contas, verificamos que as florinhas eram muitas: 112.500. E trezentos escudos do Luís da Teresa.

Foi um grande dia!

Prado, 25

Cronologia Romana

A SEMANA

A origem da semana — *septimana* — ou seja o período de sete dias, independentemente das divisões em anos e em meses, é quase tão antiga como o Mundo.

Efectivamente, o livro do *Genesis* já nos ensina que Deus criou os céus, a terra e tudo quanto neles se contem em seis dias, descansando no sétimo que era Sábado, o qual dia Ele abençoou e santificou.

Os Romanos, porém, não imitaram a semana aos Judeus, mas aos Egípcios traduzindo-a e dando, aos seus sete dias os nomes dos principais planetas, incluindo o Sol e a Lua.

Assim, o domingo era o dia do Sol — ainda hoje os ingleses dizem *Sunday* e os alemães *Sonntag* — mais tarde, com o advento do Cristianismo, passaram a chamar-lhe *Dominica dies*, isto é: dia do Senhor — a segunda, terça, quarta, quinta, sexta-feira e sábado, eram respectivamente, dias da Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Venus e Saturno. Os franceses, italianos e espanhóis ainda respeitam esta norma, dizendo os primeiros: — *dimanche, lundi, mardi, mercredi, jeudi, vendredi e samedi*; os segundos: — *domenica, lunedì, martedì, mercoledì, giovedì, venerdì e sabato*, e os últimos dizem: — *domingo, lunes, martes, miércoles, jueves, viernes e sábado*.

Mas... só agora reparo que não é isto que interessa saber ao amigo D... mas a concordância cronológica das calendas, idus e nonas com os dias do nosso calendário; isso, em querendo Deus, o veremos no próximo número.

...

Como havia noticiado, realizou-se aqui, no pretérito dia 15, a tradicional festividade em honra do gostoso Abade São Amaro, que contou de missa cantada, tendo no momento próprio suscitado ao púlpito o rev. P.º Albertino Pereira, muito digno Abade de Chaviães, e uma enconcorridíssima pregação que percorreu o itinerário do costume.

Foi abrilhantada pela «Cá. bina Sonora Melgacense», e, porque o dia esteve de sol radiante, a concorrência de forasteiros que assistiram aos actos religiosos foi enorme.

— Regressou à França — também depois de ter gozado junto dos seus os tais sessenta dias de estílo — o nosso amigo Estêvão Hilário Gomes.

— Do Aposto da Peneda, transitou para o de Cevide o nosso particular amigo, sr. Aníbal Vieites, muito digno do Cabo da G.F.

— Também foi transferido para o falado posto da Peneda, o nosso estimado amigo e se o tempo estiver zeloso solado da G. Fiscal, Transitou de Vila Nova de Gala.

— Se esta carta lhe chegar a tempo, prezado leitor, no próximo dia 2 de Fevereiro não deixe de ir a Remoães, à festa de N.ª Sra. das Candeias que nesse dia ali se realiza. Olhe que este ano calha a um domingo e se o tempo estiver de feição, a coisa vai estar animada. Tome, pois, nota. — C.

Sociedade Aniversários

Fazem anos: — hoje as meninas Laura Amélia Lima Peres, Palmira Rosa Alves e Rosa Vieites e o sr. João Alves; amanhã o sr. José Augusto Esteves; no dia 4.ª a sra. D. Alice Fernandes Vaz e os srs. Justino Lourenço e Manuel Henriques Alves; no dia 8.º o rev. Abade de Couso, P.º António Esteves; no dia 9.º o sr. José Rodrigues de Abreu; no dia 13 a menina Teresa da Cunha Sotto Mayor Martins Moreira e o sr. Augusto Gomes; no dia 14 a sra. D. Maria Rosa de Carvalho Ribeiro, e no dia 15 a sra. D. Violeta do Carmo Araújo e o sr. Oscar Marinho Júnior.

JOSE' LUIS DE ARAUJO. De visita a sua esposa e demais família, vamos nesta Vila o nosso prezado amigo e assinante sr. José Luis de Araújo, digno solado da G. N. R. em Lisboa.

S. Paio, 27

Realizaram a sua união matrimonial, na igreja desta freguesia, Herculano Rebelo, de 36 anos, do Cruzeiro, e Idalina da Conceição Quintela, de 25 anos, de Carv. Furada; Eduardo Rodrigues, de 23 anos, de Cav.º Alvo, e Armandina de Lourdes Meleiro, de 19 anos, do mesmo lugar; António Oliveiros Domingues, de 31 anos, da Oela — Rouças, e Ludovina da Pureza Meleiro, de 28 anos, do Paço; Norberto Rodrigues, de 22 anos, da Costa, e Idália Rosa Reis, de 21 anos, da Carpinteira; António Fernandes, de 25 anos, de Santo André, e Maria Ester Alves, de 25 anos, de Covelo — Paderne; Hilário Alves de Castro, de 26 anos, de Souto — Paderne, e Rosa de Jesus Quintela, de 33 anos, dos Lourenços — Baratinha.

— Os caminhos desta freguesia estão uma vergonha. A entidade paroquial parece que não quer colaborar com o Estado Novo em melhoramentos, pois por toda a parte vemos melhorias de ano para ano, só S. Paio continua a dormir eternamente.

Ora, senhores de S. Paio, vamos a sair dessa letargia e peçam que serão atendidos, porque o governo do Estado Novo quer melhoramentos e mais melhoramentos para Portugal ser cada vez mais novo e mais invejado dos estrangeiros que nos visitam. — (C).

POR PADERNE

As obras do nosso Convento-Monumento Nacional — Lá vão continuando morosamente as obras do nosso velho "Convento". Como já anunciamos num dos números deste querido jornal os escudos que vieram foram muito poucos e assim daqui a alguns dias lá se vão novamente os artistas para só voltarem se houver pessoa que se lembre da necessidade de ultimar as obras.

Deus Nosso Senhor dê vontade a alguém que nos ajude, para assim ficar este caso arrumado e a casa de Deus em condições de continuar a ser a admiração de todos os que nos visitam.

Falecimentos — Foi no dia 23 que se finou no lugar do Convento o sr. Francisco Gomes, de 68 anos de idade. Conhecido e respeitado nem só por pessoas desta freguesia como de todas que com ele conviviam era pessoa de afável trato.

— Também no dia 25 faleceu no lugar de Sande o sr. Justino Domingues, de 84 anos. Lavrador abastado, bondade imensa, cristão fervoroso, foi marido amantíssimo e pai extremo. Em cada Paderdense um amigo, em cada pobrezinho um benfeitor. Era respeitado e querido por todos.

Os seus funerais, realizados nos dias seguintes, foi bem uma demonstração de quanto os extintos eram estimados, pois neles se incorporaram muitas pessoas de todas as camadas sociais. Paz às suas almas e às famílias entretidas os nossos sentimentos. — (C).

Na encruzilhada do destino

Novela por GABRIEL DINIS

a) — Martinho; vida académica e consequências.

O homem, à medida que trilha a doce ou agra estrada da existência pode a cada instante sofrer modificações. É notório a experiência aumenta, o saber aumentando também alia-se a ela e aí temos como maus costumes, ou uns maus modos de pensar ou de ver as coisas, de encarar certos problemas importantes tantas vezes se podem tornar bons dum momento para outro transformando esse antigo indivíduo num novo ser diferente como se houvesse sofrido verdadeira metamorfose. Isto foi o que se deu precisamente com Martinho. Com efeito Martinho modificara-se completamente. Já não era o rapaz de outros tempos a todos os títulos leviano que a todo o instante vagueava pelas ruas de Coimbra enrolado numa capa velha, quase castanha tanto era o uso que tinha e que sem dificuldade dava à luz uma graça menos cortês para dirigir a quem o pretendia ofender. Um desdém premeditado era a sua principal arma. Não era o Martinho das serenatas, das ceias, o Martinho tão cuidadoso a conservar e defender os tão ilustres quanto depravados costumes académicos, esses costumes que o faziam andar pelas ruas mais escuras da nobre cidade, que o faziam andar de olhos esguiados, pisados semanas inteiras seguidas, que o faziam entrar nos cárceres onde tão facilmente entrava qualquer assassino ou ladrão.

Não, ele não tinha horror a esses costumes porque isso "era, segundo dizia, próprio de um estudante".

Ele mesmo fazia escárnio dos estudantes seus colegas aplicados, cheios de disciplina e que professavam grande respeito pelos altos desígnios da sua Pátria. Sim, porque um estudante do teor do Martinho, como há ainda nesta nossa segunda metade do séc. XX, o que é o mesmo que dizer do nosso tempo, não tem qualquer noção, de quanto poderá ser preciosa a sua ajuda, do quanto poderão valer mais tarde os seus serviços prestados dignamente ao torrão que o viu nascer, no qual cresce, vive e possivelmente morre.

No entanto não os criticava, devemos notar, com o verdadeiro sentido do que eles tinham em mente fazer no futuro ou do muito que poderiam valer mais tarde com as suas profissões, apenas os criticava porque queria que fossem como ele, queria mais companheiros, que fossem "rapazes do seu tempo".

Um dos que Martinho apontava era por exemplo Ricardo seu primo e colega de estudo. Não podia convencer-se de que um "rapaz do mesmo sangue pudesse ter divergência nas acções". Ricardo vivia longe dum ambiente fêdido e malévolo como o que Martinho habitava. Não podia compreender seu primo, mas evitava reapreendê-lo porque ele era brusco e até se mostrava possuidor duma grosseria que não tinha. Por isso todas essas fraquezas, todas essas veleidades de estroina e de vadio se tornaram os seus juizes anos depois — a doença batera-lhe à porta indicando um ponto final a tudo o que até alimentava com a mesma avidez com que bebia manha cedo copos de aguardente. Aborrecendo-se de tudo, de todos e de si mesmo; do seu eu que o abandonava, da sua consciência que não lhe chegara a gritar um milhão de vezes o perigo que corria. Um milhão! Um milhão! E ela não o fizera. Finalmente odiava os livros. Quem o compensou desta perda? Por mais que pensasse não encontrava quem.

Claro que eu refiro-me especialmente à sua vida de estudante; porque na cidade, estudando ou não, pelo menos com o fim positivo; passara a maior parte da sua juventude, consumira todos os bens e liberdade de um passarinho à solta. Aqui encontrara a sua infelicidade, mas encontrara também um grande ensinamento e uma grande experiência. Agora era um proprietário. Com os seus trinta anos, sendo descendente duma das mais ilustres famílias daquela pequenina Vila apertada pelas altas montanhas da província minhota vivia no seu novo mundo, alheio a política de qualquer ordem, apenas se interessando pelos problemas das suas terras. Resolvidas estas marcharia de encontro a um progresso crescente e esta a principal causa da sua actividade. O povo seu conterrâneo estimava-o muito.

(Continua)

Efemérides

Em 3 de Fevereiro de 1758 — há duzentos anos — o rev. Manuel Gomes da Ribeira, da Vila, foi admitido como irmão na Confraria das Almas de Prado.

× No mesmo dia e mês de 1937, foi solenemente

entronizada na igreja Matriz da Vila a nova imagem da sua Excelsa Padroeira — Santa Maria da Porta — primorosamente executada nas oficinas da "Casa Fânzeres", da cidade de Braga, e processionalmente levada para a referida igreja da capela de Santo António de Galvão.

× Em 9 de Fevereiro de 1261, D. Afonso III, achando-se com a sua Cúria em Guimarães, restituiu aos habitantes de Melgaço o velho foral de seu visavô D. Afonso Henriques, revogando, assim, o que, em 1258, lhes havia dado — este era na forma do de Monção, do tipo de Salamanca, e aquele era semelhante ao de Ribadavia, na Galiza. Deu origem a esta revogação a carta que os melgacenses levaram até aos degraus do trono do Bolonhês, na qual se queixavam do agravo do novo foro a cobrar pelo fisco anualmente.

Nesta mesma data e local, o mesmo Monarca confirmou o pacto feito entre seu irmão D. Sancho II e os habitantes de Melgaço, cujo pacto impunha a estes o pagamento anual do foro de mil soldos leoneses pagos em terças: — a 1.ª em dia de Todos os Santos; a 2.ª em dia de Páscoa, e a 3.ª no primeiro dia de Julho. Além disto, impunha-lhes a obrigação de manterem e guardarem o castelo a expensas suas; mas, em compensação, concedia-lhes o privilégio de apresentarem o alcaide-mor e o de proibirem a entrada do rico-homem no seu Couto contra vontade do Conselho de Melgaço, salvo por ordem expressa do Rei.

× Em 10 de Fevereiro de 1805, D. Maria Luísa Pereira de Castro, de Eiró, foi admitida como irmã na dita Confraria das Almas de Prado.

× Em 12 de Fevereiro de 1899, audaciosos gatunos, roubaram à Emília "da Adelina", que então morava na rua de Baixo, toda a roupa branca e alguma louça que possuía.

Esta Emília "da Adelina", que eu conheci muito bem, teve tascos... ali, no Largo do Chafariz, nas trazeiras da sumida capela de S.º António, ou mais rigorosamente falando, da Senhora da Lapa, num coio térreo e sórdido arrimado à cinta exterior das muralhas. Com a expropriação destes, para urbanização do sítio, mudou a locanda para a Rua Direita, para defronte da casa do falecido Zinona, onde, segundo creio, se manteve até morrer. Não era má pessoa.

× Em 13 de Fevereiro de 1783, morreu, na Vila, o rev. Manuel Soares.

× E em 14 de Fevereiro de 1749, em Paderne, também faleceu o rev. João Rodrigues Soares.

MÁRIO

GRI... GRI... GRI Adega Cooperativa

Da falta de actividade para a fundação dessa adega em Melgaço lamenta-se num dos últimos números o nosso colega local, quando eu não vejo motivo para isso, porque, desde há muito, comparo certa gente de Melgaço ao canaleão que, quando bem lhe apraz, sobe a uma árvore, e, depois de encontrar um sítio onde possa comodamente instalar-se, deita a língua fora da boca, e, nessa posição se conserva até que nela lhe caia o necessário alimento, tendo ele apenas o trabalho de o engolir.

Deixe correr, que, quando não haja onde criar mais adegas, já chegará a vez à nossa terra.

× Lembrem-se os meus leitores de que, em tempos disse alguma coisa acerca da "Assistência Paroquial" duma freguesia de Vila do Conde?

Vendo o seu relatório do ano findo, posso hoje dizer-lhes que essa instituição tão benéfica, tendo distribuído pelos seus sócios e indigentes da freguesia, em dinheiro, medicamentos, agasalhos e géneros a quantia de 10.789\$00, tem numa caderneta a quantia necessária para a construção duma casa para ser habitada gratuitamente pelo mais necessitado da freguesia.

Como foi possível em tão pouco tempo ter progredido tanto, pois ela foi fundada em 1955?

É que o seu Director Gerente é o Rev. do Ricardo Marques dos Santos Neto que toda a gente conhece, como possuidor de grande actividade e muita aptidão de trabalho para bem dos pobres.

A receita do ano findo atingiu a avultada quantia de 29.560\$00.

× *Cáritas* — Esta bela instituição de caridade já forneceu em pão, queijo e leite à freguesia de Mosteiró para cima de 100.000\$00 e a freguesia tem apenas 700 habitantes, mas o seu Pároco é o Rev. do Ricardo dos Santos Neto.

Rouças, 30

Foi, há dias, a enterrar o nosso bem amigo e conterrâneo, Sr. Manuel Guerreiro, mais conhecido por Nelo da Quinta. O seu funeral foi muito concorrido e fez-se pela estrada do Rio do Porto, Fecho, Corções, Ponte da Carpinteira, estrada acima até à Igreja. Foi transportado numa carreta dos Bombeiros de Melgaço pois o seu corpo estava muito pesado. A todos os seus, os nossos pésames.

Também esteve muito doente, encontrando-se um pouco melhor a Sr.ª Rita, da Vinha de Cima. Deu a todos uma famosa lição, pois pediu que o Sagrado Viático lhe fosse levado em procissão. Em procissão, como convém à dignidade do Altíssimo.

E ontem, 29, foi baptizada nesta igreja uma criança, filha de Fernando de Sousa, nosso legítimo assinante, ausente em França da Aldeia e de sua esposa, Sr.ª Rosa de Sousa. Foi-lhe posto o nome de Manuel Fernando e foram seus padrinhos os avós maternos, Sr. Manuel de Sousa e esposa. Sua mãe, encontrava-se bem de saúde.

Em no dia 19 foi baptizada uma criança, filha do Sr. Manuel Barbeitos e de sua esposa, Sr.ª Adélia Alves, ele digno e estimado guarda-republicano neste concelho e natural, como sua esposa, da freguesia de Ceivães, Monção. Foi padrinho o sr. Venâncio Pereira Machado, de Couso e ma rinha sua esposa, Sr.ª Elvira Rodrigues.

E no dia 13, um menino, filho de Manuel José Rodrigues e de sua esposa, Cel.ª Maria Gonçalves, de Surribas. Foi-lhe posto o nome de Victor Manuel e foi padrinho o sr. Laurentino Alves, de Eiró e madrinha a avó materna.

A todos os neo-cristãos e a seus pais muitas felicidades.

No próximo domingo parte para França o Sr. João Crisóstomo Cardoso, que foi o mestre das obras de Santa Rita. Desejamos-lhe boa viagem e que Jogo venha visitar os seus.

D. C. T.

Guerra e Paz

Procurem-se as razões onde se queira: na falta de dura experiência, no comodismo existente em cada um de nós; a verdade é que (Continua na 4.ª pág.)

Uma pergunta interessante

Há poucos momentos pessoa amiga e leitor assíduo, perguntá-vos: "Por que razão não são publicados neste jornal — nacionalista e católico — colaborado por pessoas de uma só cara e de uma só fé — todos integrados na ética do Estado Novo — e impresso na tipografia do "Diário do Minho" — órgão do Arcebispado — os EDITAIS, mormente aqueles que a lei determina officiosamente, como sejam por exemplo os do recenseamento eleitoral?"

Rimo-nos daquela inocente interrogação e não ligamos mais ao caso. Acabamos por não dizer nada. No entanto, porque tal pergunta se relaciona com o bem da colectividade fomos ler de novo a lei sobre o Edital do recenseamento legislativo:

Diz o artigo 10.º da lei 2.015 de 28 de Maio de 1946: — "Até cinco dias antes do início das operações do recenseamento eleitoral... por editais PUBLICADOS EM DOIS JORNAIS DO CONCELHO, se os houver... anunciarão o período para a inscrição..." (sic).

Aqui há precisamente dois jornais! A lei parece ter sido promulgada propositadamente para dar jiz à publicidade do mencionado Edital no nosso quinzenário! A lei não se cumpre, porque?

E qual a finalidade do legislador ao especificar a PUBLICAÇÃO em DOIS jornais? Certamente, a de pôr o maior número de cidadãos ao corrente dos seus deveres! Não se duvide. Foi esse o pensamento do legislador. Porque se não cumpre a lei em Valdevez? Não nos compete esclarecer. Ao senhor funcionário recenseador agradeçamos a fineza de uma resposta!

Outros casos acontecem. Por ser flagrante e de magna importância para o concelho referimos este: Trata-se da convocatória do "Conselho Municipal" expressa no Código Administrativo em vigor:

Artigo 28.º — parágrafo 1.º — "A convocação da reunião será feita pelo Presidente da Câmara com cinco dias de antecedência, pelo menos, por meio de avisos enviados pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, e PUBLICADOS EM JORNAIS LOCAIS, SE OS HOUVER".

Nesta terra há dois jornais. Pois nenhum publicou nos últimos anos este aviso.

Porquê? Porque se não cumpre ou se não faz cumprir a lei em Valdevez?

Talvez, nós não tenhamos razão e sejamos caso isolado de discordância: por ódio pessoal?

Será?
Não. Não é. Apenas, nos fazemos eco do silêncio que se procura desenvolver à volta de factos e acontecimentos de interesse público.

A.
(De "A Vanguarda" de 12 de Janeiro de 1958)

Da Vila

Janeiro, 26.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Estamos chegados à Quaresma e, como de costume, antevê-se já que o peixe fresco vai escassear, se não nos pregar a partidinha de faltar por completo. Até parece que oculta e diabólica força predispõe as coisas deste modo só para que tenhamos de infringir a Lei de Deus que nos impõe abstenção de carnes neste período; pois não parece?...
A pesca da sardinha, como é público e notório, até 15 de Abril entrou no defeso; o nauseabundo chicharro não vem tantas vezes como as que eram precisas, quanto ao demais pescado... nesta Vila, embora caro, uma que outra vez, sempre vai aparecendo, mas nunca se pode contar com ele de véspera; porém nas povoações rurais, mormente nas do monte, nem sombra dele, o que é aborrecido.

Será de Melgaço? — Noticiaram os jornais que no pretérito dia 9, em Longueville, França, foi gravemente atropelado por um automóvel um cidadão português, de 56 anos, chamado Augusto César, natural de Castro.
Será de Castro Laboreiro deste concelho...?
Comparticipação — Pelo Ministério das Obras Públicas e proveniente do "Fundo do Desemprego", foi concedida ao município de Melgaço para abastecimento de água ao lugar de Maninho, Alvaredo, a participação de

400.000\$000,00. — Acompanhada por numerosas pessoas, de todas as categorias sociais, foi, há dias, a sepultar, a s.ra. Joaquina Alves, viúva, chorada mãe do sr. Manuel Silva, soldado da G. F., casado com a s.ra. D. Maria Augusta das Valas Silva, a quem, bem como a toda a demais família enlutada, apresentamos sentidos pésames.
— Em 23 do corrente, também faleceu, nesta Vila, a s.ra. Ana Gonçalves, mais conhecida pela "Ana Mõcha", peixeira, muito popular e estimada.
Aos seus, as nossas condolências.
— E no pretérito dia 18, com 86 anos incompletos, faleceu, nesta Vila, a s.ra. Maria Joaquina Lira, filha de Florinda Lira, pessoa muito estimada e respeitada.
A saudosa extinta, era natural de Messegães, Monção, mas residente nesta Vila pelo menos desde 13 de Agosto de 1904, data em que, aqui, casou com seu primo Francisco Ribeiro, alfaiate que foi da Praça da República.
A toda a família enlutada, em especial a seus filhos e filhas, aqui deixamos consignado o nosso cartão de muito sentidos pésames.
Os amigos do alheio — Na noite de 17 para 18 do corrente, audacioso gatuno teve artes de se introduzir no armazém do sr. Adão Gonçalves Marinho, probo comerciante desta Praça, loquoplastando-se com alguns pacotes de café em grão e com certa quantia em dinheiro que sorripiou numa gaveta. Quem seria o ratoneiro...?
Festa de S. Braz — No próximo dia 3 de Fevereiro, na vistosa capela da Orada, há-de realizar-se a tradicional festa em honra do glorioso bispo-mártir S. Brás, que costuma ser muito concorrida.
Jantar de confraternização — Um grupo de caçadores concelhios realizou, no passado dia 17, na "Pensão Bermudes" desta Vila, um jantar de confraternização a que presidiu o conhecido atirador sr. José Martins da Costa Lobo Maia, de S. Gregório, e cujo repasto, segundo nos dizem, correu em ambiente de grande animação, trocando-se numerosas pilherias e proezas de caça entre os respectivos circunstantes.
Futebol — No campo de jogos do Monte de Prado e com bom tempo, realizou-se hoje uma partida amigável entre o "Sporting C. Melgaçense" e a equipa do "Racing C. de Braga", cujo resultado foi de 2-1 a favor do grupo local.
O tempo e a agricultura — Na noite de 23 para 24 do corrente, caiu em toda esta região uma grande nevada a que se lhe seguiu chuva copiosa e torrencial. O tempo hoje mostra-se ameno e os gados já vão tendo onde pastar.
— Agora, aos interessados, lembramos que em Fevereiro podem semear: — aipo, agriões (fim do mês), alfices para verão (x), alho-porro, beringelas (x), beterraba para salada, couves diversas, incluindo repolhos, mas excluindo couve-flor e bróculos; cenouras (fim do mês), cebolas, ervilhas, espinafres, favas, nabijas, pimentões (x), rabanetes, salsa e tomates (x).
— Plantam-se batatas, videiras e árvores de toda a espécie; continuam as podas e limpeza das videiras e árvores frutíferas e, pelo S. Matias (24) começam as enxertias.
— Nos centeais, favais, etc., procedê-se à limpeza das ervas estranhas. Também devem limpar-se e desinfecar-se as pocilgas e capoeiras, dealhando-as bem por dentro com leite de cal a que se junta algumas gotas de creolina, serviço que pode ser feito com um pulverizador de sulfatar as vinhas.

D. C. T.

(Continuação da 3.ª página)

somos um povo optimista, ser resolvidos de improviso, portador de todas as virtudes e defeitos inerentes a esta maneira de ser. Enquadrada nos defeitos, podemos apontar a tendência para considerar o imprevisível como um princípio.

É dentro desta tendência que, cada individuo procura e encontra explicações e interrogações justificativas da sua indiferença perante os problemas que não podem

ser resolvidos de improviso, mas, antes, requerem uma cuidada organização, feita com tempo e a tempo, exigindo colaboração de todos.

Perante a Defesa Civil do Território ao número das realizações que, por englobar a Nação inteira, exige uma organização metódica, feita com tempo, e o esforço de todos nós.

(continua)

de Esc. 9.992\$00.

Falecimentos — Acompanhada por numerosas pessoas, de todas as categorias sociais, foi, há dias, a sepultar, a s.ra. Joaquina Alves, viúva, chorada mãe do sr. Manuel Silva, soldado da G. F., casado com a s.ra. D. Maria Augusta das Valas Silva, a quem, bem como a toda a demais família enlutada, apresentamos sentidos pésames.

— Em 23 do corrente, também faleceu, nesta Vila, a s.ra. Ana Gonçalves, mais conhecida pela "Ana Mõcha", peixeira, muito popular e estimada.

Aos seus, as nossas condolências.
— E no pretérito dia 18, com 86 anos incompletos, faleceu, nesta Vila, a s.ra. Maria Joaquina Lira, filha de Florinda Lira, pessoa muito estimada e respeitada.

A saudosa extinta, era natural de Messegães, Monção, mas residente nesta Vila pelo menos desde 13 de Agosto de 1904, data em que, aqui, casou com seu primo Francisco Ribeiro, alfaiate que foi da Praça da República.

A toda a família enlutada, em especial a seus filhos e filhas, aqui deixamos consignado o nosso cartão de muito sentidos pésames.

Os amigos do alheio — Na noite de 17 para 18 do corrente, audacioso gatuno teve artes de se introduzir no armazém do sr. Adão Gonçalves Marinho, probo comerciante desta Praça, loquoplastando-se com alguns pacotes de café em grão e com certa quantia em dinheiro que sorripiou numa gaveta. Quem seria o ratoneiro...?
Festa de S. Braz — No próximo dia 3 de Fevereiro, na vistosa capela da Orada, há-de realizar-se a tradicional festa em honra do glorioso bispo-mártir S. Brás, que costuma ser muito concorrida.

Jantar de confraternização — Um grupo de caçadores concelhios realizou, no passado dia 17, na "Pensão Bermudes" desta Vila, um jantar de confraternização a que presidiu o conhecido atirador sr. José Martins da Costa Lobo Maia, de S. Gregório, e cujo repasto, segundo nos dizem, correu em ambiente de grande animação, trocando-se numerosas pilherias e proezas de caça entre os respectivos circunstantes.

Futebol — No campo de jogos do Monte de Prado e com bom tempo, realizou-se hoje uma partida amigável entre o "Sporting C. Melgaçense" e a equipa do "Racing C. de Braga", cujo resultado foi de 2-1 a favor do grupo local.
O tempo e a agricultura — Na noite de 23 para 24 do corrente, caiu em toda esta região uma grande nevada a que se lhe seguiu chuva copiosa e torrencial. O tempo hoje mostra-se ameno e os gados já vão tendo onde pastar.
— Agora, aos interessados, lembramos que em Fevereiro podem semear: — aipo, agriões (fim do mês), alfices para verão (x), alho-porro, beringelas (x), beterraba para salada, couves diversas, incluindo repolhos, mas excluindo couve-flor e bróculos; cenouras (fim do mês), cebolas, ervilhas, espinafres, favas, nabijas, pimentões (x), rabanetes, salsa e tomates (x).

— Plantam-se batatas, videiras e árvores de toda a espécie; continuam as podas e limpeza das videiras e árvores frutíferas e, pelo S. Matias (24) começam as enxertias.
— Nos centeais, favais, etc., procedê-se à limpeza das ervas estranhas. Também devem limpar-se e desinfecar-se as pocilgas e capoeiras, dealhando-as bem por dentro com leite de cal a que se junta algumas gotas de creolina, serviço que pode ser feito com um pulverizador de sulfatar as vinhas.

— Nos centeais, favais, etc., procedê-se à limpeza das ervas estranhas. Também devem limpar-se e desinfecar-se as pocilgas e capoeiras, dealhando-as bem por dentro com leite de cal a que se junta algumas gotas de creolina, serviço que pode ser feito com um pulverizador de sulfatar as vinhas.

— Agora, aos interessados, lembramos que em Fevereiro podem semear: — aipo, agriões (fim do mês), alfices para verão (x), alho-porro, beringelas (x), beterraba para salada, couves diversas, incluindo repolhos, mas excluindo couve-flor e bróculos; cenouras (fim do mês), cebolas, ervilhas, espinafres, favas, nabijas, pimentões (x), rabanetes, salsa e tomates (x).

— Plantam-se batatas, videiras e árvores de toda a espécie; continuam as podas e limpeza das videiras e árvores frutíferas e, pelo S. Matias (24) começam as enxertias.

— Nos centeais, favais, etc., procedê-se à limpeza das ervas estranhas. Também devem limpar-se e desinfecar-se as pocilgas e capoeiras, dealhando-as bem por dentro com leite de cal a que se junta algumas gotas de creolina, serviço que pode ser feito com um pulverizador de sulfatar as vinhas.

(x) Em estufim!

Candelaria chovida à candeia da vida.

Freguesia de Tangil e muito próximo da Igreja Paroquial

Vende-se uma linda quinta toda morada com casa de caseiro e todas as dependências agrícolas e também com grande casa residencial sendo esta um assombro de conforto com rés-do-chão, 1.º andar e 2.º sendo uma das melhores casas do concelho. Tem muita água de limpa e rega e canalizada para todos os aposentos da casa. Produz muito vinho, milho, azeite e ainda toda a qualidade de boas frutas.

A duzentos metros desta, vende-se também um lindo casal, chamado Casal dos Santos com ótimo prédio, campos com muita água de fima e rega, vinho, frutos e muito azeite. Ambas tem quem mostre e para tratar em Braga à Rua Santa Margarida, 50.

Penso, 27

No lugar das Lages deu contas a Deus o sr. Porfírio Rodrigues com a idade de 80 anos.

No lugar das Mós faleceu Cecília Castanheira com a idade de 66 anos. Os seus enterros foram acompanhados com muita gente da Confraria das Almas e Coiração de Jesus. Paz às suas almas.

No lugar do Padreiro há uma agência Funerária pertencente ao sr. José Barbosa Martins & Filho, tendo tudo quanto é necessário para este fim.

Encontra-se bastante doente a esposa do nosso amigo e assinante sr. António Fernandes, de Felgueiras. Deçamos rápidas melhoras.

Tempo. — Mucha de temperatura. Há esperanças que o gadinho terá fartura de alimentação, a ver se o lavrador tira algum ganho para fazer face às despesas.

As serras encontram-se cheias de neve, mas diz o antigo: se em Janeiro vires nevar põe-te a cantar, e se vires verdejar põe-te a chorar: Deus sempre a mostro dado. — C.

Assina e propagai a

"Voz de Melgaço"

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
F.ª JULIO HILARIO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Mião, Limitada» - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XII

Melgaço, 15 de Fevereiro de 1958

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 161

Paris

Nem tudo são louros nesta grande cidade cosmopolita de Paris. Sobre tudo, estas arredores, onde se levantam novas cidades com o suor de tantos portugueses, são testemunhas de muitas epopeias, das grandes qualidades másculas do nosso generoso melgaçense. E preciso vir aqui para ver de perto como vivem e como trabalham os nossos bravos rapazes. Mas também por aqui vão aparecendo tragédias...

A nossa terra é pequenina, não tem indústria e, desde longa data, vivemos da emigração. É uma constante da nossa história.

As terras nunca ficaram abandonadas e as mulheres, cheias de coragem, modestas e trabalhadoras, cobrem-se de luto pelo marido que se ausentou, criam os seus filhinhos e cultivam as terras, todas as suas terras.

Mas vão para França muitos rapazes novos.

Sem o amparo dos pais ou de algum amigo, mais velho e vizinho, é possível que entre tantos, alguns se perca. Sim, há lágrimas também na nossa terra e nestes arredores de Paris por alguns infelizes que perderam o amor aos seus.

A manhã de um dos dias passados em França dediquei-a à caridade. Um pobre rapaz, meu vizinho e amigo, que, há tempos, se casara e fôra tão feliz, vivia mal em França.

Passé a primeira vez junto dele, mas não o pude ver. Esta manhã seria para ele, estivesse onde estivesse. Fui procurá-lo ao seu trabalho. Veio, coitado, veio e muito humilde. Eu falei-lhe da sua terra, da sua esposa, que aqui vivia como uma pobre viuva, novinha, de vestidos pretos, guardando luto por ele, que não lhe escrevia, há muito tempo. Eu mesmo tinha muito desgosto, até, porque fora um dos convidados para o seu casamento.

Ele ouviu e chorou. Contou-me a sua pobre tragédia. Compreendi-a, mas não tinha razão. Tinha de olhar por sua esposa. Na terra, todos falavam daquele abandono. Pedi-lhe que voltasse... Prometeu-me que viria, apesar das muitas dificuldades (nestas coisas, como em muitas outras, é preciso não começar...). Pobre amigo!

Dediquei-lhe aquela manhã. Era para ele. Humanamente, foi, perdida. Deus lhe toque o seu pobre coração e o faça voltar, arrependido, ao seu lar, onde, com saúde e ansiedade é, há tanto tempo, esperado.

Depois de um breve repasto naquela terra de Garçhes e de umas visitas a alguns amigos que tão bem nos receberam (alguns da Gave) voltei a Paris, a encontrar-me com um rapaz, já antigo nas lides de França, meu velho companheiro de estudos, em que era aluno aplicado.

Recordando até com saudade, uma cena passada nesses belos tempos de menino e moço. Fomos três os candidatos de Fianças que demos entrada no Seminário naquela manhã. Era eu o mais novo com apenas 10 anos de idade.

O meu trabalho naquele ano, nos estudos, não foi muito violento, nem muito brilhante. E no fim do ano, o Sr. Reitor, que depois foi bispo de Bragança e Miranda, escreveu uma carta a meu saudoso tio, Padre João Vaz, nestes termos: — o António mande-o novamente, do Augusto, faça como entender e o Carlos pode ficar em casa.

A bondade de Deus! O António ficou, nesse mesmo

(Continua na 3.ª página)

José Gomes da Cunha

Deixou a secção de Finanças deste concelho, onde foi seu secretário, o sr. José Gomes da Cunha, funcionário honesto, cumpridor e educado. O concelho vê-o partir com profunda saudade, e a confirmá-lo ficará, como permanente registo, o jantar que no Hotel Ranhada lhe foi oferecido no passado dia 29.

O número de pessoas — quase cem — e a qualidade das mesmas manifestaram a estima, e o respeito em que o concelho tinha o sr. José Gomes da Cunha.

Os oradores — padre Justino, Artur Teixeira, Ferreira da Silva e dr. Artur Anselmo — vincaram com elevada objectividade as qualidades do homenageado. E' que o sr. José Gomes da Cunha não se limitou a ser o funcionário cumpridor. Como se fosse Melgaçense, estava pronto a colaborar, desinteressada e nobremente, em tudo quanto fosse para bem desta terra. A gratidão dos melgaçenses era, pois, um dever. E essa foi-lhe patenteada exuberantemente no passado dia 29.

Melgaço é sempre agradecido, quando os homens se impõem pela nobreza de carácter.

Ao sr. José Gomes da Cunha desejamos as maiores felicidades.

Manuel Inácio

Durães

Este nosso querido amigo e ilustre colaborador, que, por seus méritos, intelectuais e morais, tem feito uma carreira, rápida e brilhante, foi transferido da Guarda, onde exercia as funções de Sub-Chefe da P.S.P. para a P.S.P. do Distrito de Viana do Castelo.

Sua Ex.cia. o comandante Distrital colocou-o no Posto dos Arcos de Valdevez, de que é chefe.

Nossos parabéns.

AINDA À RODA DAS ESCOLAS DA VILA

Tendo visto em o n.º 1268 do "Notícias de Melgaço", logo na primeira página, algumas considerações acerca do tão falado problema das escolas da sede do nosso concelho, deparamos com afirmações, que não nos parecem justas, e que nos denotaram, até, estar o articulista mal informado ou então serem de má fé.

Entre outras impõe-se-nos citar a seguinte passagem: "... já demorou tempo demais e é forçoso resolver agora, depressa e duma vez para sempre este problema das escolas, que alguns políticos, os cessantes, agravaram com os suas tergiversações...".

Ora, aqui, devemos informar que, tratando-se da Câmara servida por dois professores e um padre, estes, quanto a escolas, sem trair a sua missão de educadores, sempre trataram o problema com o mais acrisolado amor e desvelado carinho. A atestá-lo está a construção das escolas de Chaviães e S. Paio, a inclusão na VI fase de construção de escolas primárias, dos edifícios da Vila de Melgaço, Rouças e Adofreire-Assureira, em Castro Laboreiro, a comparticipação conseguida para a restauração da escola de S. Gregório, a restauração, sem a comparticipação do Estado, das escolas de Lamas e Parada, outras obras de conservação levadas a efeito em edifícios escolares, etc..

Desde então para cá, que mais se fez? *

Quando às escolas da Vila, tomaram-se as devidas providências, pois poucos meses depois da transferência das aulas para o antigo edifício dos Paços do Concelho, tivemos a satisfação de receber officio da Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias do Porto, a comunicar a sua inclusão na VI fase de construção de escolas primárias.

Está fora de dúvida, portanto ter a Câmara cessante tomado as providências necessárias.

— Quanto ao terreno para a construção das referidas escolas, lá estava indicado no Plano de Urbanização e, para evitar demoras, e porque esse havia já sido escolhido por pessoa competente, e ainda porque foi esse o que os serviços da referida Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias achou em melhores condições, foi precisamente o que a Câmara indicou.

Se entraves houve depois, não são de atribuir à Câmara de então, como quer o articulista. E' que nunca podemos servir a dois Senhores!!! — E quando isso tentamos, sucede o que sucedeu com a construção da estrada de Cavaleiros, que logo na primeira curva, ficou com aquele enorme aleijão... De quem teria sido a culpa?

As tais tergiversações surgiram depois... por o Sr. Presidente da Câmara pensar de modo diferente daquele que em princípio estava planeado e deveria consumir-se.

E agora e a propósito: — Não foi caso único este, visto que acerca das escolas de Rouças surgiram as mesmas tergiversações, pois, estando já concluído o estudo da localização do referido edifício, também por sugestão do Sr. Presidente foram indicados outros locais que não mereceram a aprovação da Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias, do Porto, a qual informou que o local único era o já indicado.

Recebida esta comunicação deliberou a Câmara de então delegar no Sr. Presidente poderes para a aquisição do terreno indicado.

(Continua na 4.ª página)

Prado, 10

Cronologia Romana

O MES

O mês latino — *mensis* — era, na sua origem, um mês lunar, contando alternativamente 29 e 30 dias. A lua cheia caía ora no 14.º ora 15.º dia; como, porém, os Romanos tinham supersticiosa aversão pelos números pares... admitiam, pois, que o plenilúnio coincidia alternativamente com o 13.º e o 15.º dia. Quer a um quer a outro destes dias em cada mês chamava-se *Idus* — a mesma raíz que no verbo *dividere* —; e o oitavo dia antes da lua cheia, que era o de quarto crescente, chamava-se *Nonas*, e o primeiro dia do mês *Kalendae* se chamava — isto é: *calare* (chamar, anunciar, etc.). Estas designações particulares de certos dias do mês subsistiram após que os meses romanos deixaram de ser lunares e continuaram a ser usados em linguagem ordinária para fixar as datas.

Assim, nos meses de Março, Maio, Junho e Outubro, o dia das *Nonas* era o 7.º do mês; e os *Idos* caíam no 15.º dia ($15 = 6 + 8$, aumentado do dia das *Calendas*); nos restantes meses, os *Idos* caíam no dia 13 — ($13 = 4 + 8 + 0$ dia das *Calendas*) — e as *Nonas* no dia 5 — ($4 + 1$).

Os Romanos contavam os dias para trás, tomando por ponto de partida as *Nonas*, os *Idos* ou as *Calendas*, compreendendo em seu cálculo o dia inicial e o termo final, método de contar bizarro e complicadíssimo. Assim, por exemplo, no mês de Março:

O dia 1 chamava-se *Kalendae Martiae*
O dia 2 chamava-se a. d. (x) *VI Nonas Martias*
O dia 3 chamava-se a. d. *V Nonas Martias*
O dia 4 chamava-se a. d. *IV Nonas Martias*
O dia 5 chamava-se a. d. *III Nonas Martias*
O dia 6 chamava-se *pridie Nonas Martias*
O dia 7 chamava-se *Nonae Martiae*
O dia 8 chamava-se a. d. *VIII Idus Mart.*
O dia 15 chamava-se *Idus Martiae*
O dia 16 chamava-se a. d. *Kalendas Apriles*
O dia 31 chamava-se *pridie Kal. April.*

Agora os nomes dos meses eram os mesmos que os do nosso calendário, salvo o mês de Julho que se chamou *Quintilis* até ao ano 44 A. C., em que tomou o de *Julius*, em honra de Júlio César, que, em pleno Senado, foi apunhalado nos idos de Março desse ano, e o de Agosto, assim nomeado em honra do imperador Augusto, que se chamou *Sexilis* até ao ano 8, A. C..

(x) — ante diem.

(Continua)

Vimos aqui de fugida o nosso prezado amigo sr. Ladislau de Barros Pinheiro, conceituado comerciante da praça de Lisboa.

— Para a Capital, onde foi de visita a sua filha e demais família, seguiu ontem a sr.a Aurora Augusta Domingues.

— Chegado de França, está entre nós o nosso prezado amigo sr. José António Esteves (Froula).

— De visita a seus Ex.mos Pais, esteve aqui a virtuosa sr.a D. Maria Edite Natércia Gomes Pinheiro de Almeida.

— Também está nesta freguesia, de visita a seus cunhados, o sr. José Vaz Moreira, de S. Pedro da Torre.

— E, para conclusão, resta-me dizer que, regra geral, não costume dar caça às gralhas que constantemente poissam nestes arrazoados, mas aquela que descaradamente se anichou na minha última carta... merece uma boa carga de zagalotes. Trata-se, pois, daquela transferência de Vila Nova de Gaia para o posto da Peneda, cujo transferido foi o sr. Alberto Marques e não o "se o tempo estiver, etc."

Enfim, percalços do officio... percalços que, evidentemente, só não acontecem a quem não meche nos tipos de Guttemberg. Desculpem. — (C.).

Por Paderne

FALECIMENTOS.— No dia 29 do passado mês de Janeiro e na sua residência no lugar da Longarilha, faleceu o Sr. Anibal Dias, de 58 anos de idade. Muito católico e bondoso, deixa em cada Padernense uma recordação de saudade.

O seu funeral realizado no dia seguinte demonstrou bem quanto o falecido era estimado pois nele se incorporaram muitas pessoas de todas as camadas sociais.

Paz à sua alma e à família enlutada sentimentos sinceros.

— Também no dia 31 do mesmo mês se finou no lugar da Aldeia a Sr.a D. Maria de Pinho Gonçalves de 37 anos de idade.

Era esposa amantíssima do Sr. Sargento da Guarda Fiscal António Napoleão Gonçalves e filha do falecido Guarda Fiscal Ladislau Gonçalves e D. Pura de Pinho. Irmã estremosa dos nossos particulares amigos Srs. Professores oficiais Manuel e António de Pinho Gonçalves. Deixa na orfandade o seu querido filhinho menino Ladislau Gonçalves, de poucos anos de idade.

O seu funeral realizado no dia seguinte demonstrou bem quanto a extinta era estimada, pois nele se incorporaram muitas pessoas nem só desta freguesia como de muitas outras do concelho.

Os seus restos mortais foram transportados desde a sua residência até ao cemitério por turnos de Guardas Fiscais subordinados do seu inconsolável marido e para as urnas foram organizados os seguintes turnos.

1.º Pelos Srs. 2.ºs Sargentos da Guarda Fiscal António Ramos e Joaquim Marques, 1.ºs cabos Celestino Ribeiro e Anibal Viçtos.

2.º Ex.mos Srs. Tenente, Fernando Lopes, Dr. João Durães, Manuel José Rodrigues e Anibal José Alves.

3.º Ex.mos Srs. José Maria Pereira, Gaspar Figueiredo, Augusto Vaz e Amadeu Ribeiro.

4.º Pelos Srs. 1.ºs cabos Elentério Ventura Nandê, João de Sousa Lucena, António Marcos e António Piçtos.

Paz à sua alma e a toda a família enlutada o nosso cartão de condolências. — C.

Da Vila

Fevereiro, 11.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Velho amigo chegado, em 5 do corrente, de Lisboa, diz-nos ter sido visto ali, exposto à venda, numa casa da Rua Eugénio dos Santos, salmão do rio Minho, cujo preço não fixou bem, mas que lhe parece ser de duzentos e tal escudos o quilo. E — acrescenta aquele nosso amigo — artisticamente adornado com musgo e salsa; trinchado ao meio e a preceito, mostrando sua crócea e provocante cor, enfim capaz de até tentar um morto.

Salmão a duzentos e tal escudos o quilo e à venda nesta época... o caso para nós não é novidade, pois desde há muito que temos conhecimento dele. Quanto à sua origem... ora donde havia de ser! do rio Minho, pois então; e, isto é o que não conseguimos compreender, sabido que a pesca neste rio só é permitida a partir do próximo dia 15 — pelo menos para os pescadores de Melgaço... sim, só para estes, pois de Moação para baixo há já algum tempo que se pesca a bela lampreia e outras espécies. Consequências, talvez, de a lei ser infundibiliforme — em português de família; em forma de funil.

Ah! sapateiro braçarende duma fama! como a tua máxima rematava à maravilha o pobre arrazoado do Crispino.

Festa de S. Braz — Como havíamos noticiado, realizou-se, no pretérito dia 3, na arquiseular capela da Orada, a tradicional festividade em honra do glorioso bispo-mártir S. Braz, a qual constou de missa solene a grande instrumental, sermão, pelo rev. Albertino Pereira, e procição.

Foi abrilhantada pela "Cabine Sonora Melgacense" e pela música de Cavenca, Riba de Mouro; e, como o dia esteve de sol radiante, a concorrência de forasteiros foi boa.

Mercado semanal — Realizou-se, nesta Vila, no passado dia 8, o costumado mercado semanal, cujos preços dos géneros foram:

Milho 10\$00, o meio decalitro; centeio 10\$00, idem; feijão branco a 14 e 15\$00, idem; feijão rajado a 11, 12 e 13\$00, idem; feijão frade a 9\$00, idem; batata-semente (da região) a 30\$00, o alqueire (30 litros); batata para consumo a 1\$00, o quilo; cebolas à razão de 2\$50, idem; galos, galinhas, frangos e franguiños, desde 30, 25, 15 e 10\$00, cada, respectivamente; ovos a 9\$50, a dúzia; maçãs a 6\$00, idem; laranjas a 2\$00, idem; sardinhas salgadas a 6\$00, idem; bons molhos de gelos de nabo ou couve nabiça a 1\$00, cada, e idem de couves de olho pelo mesmo preço, cada.

Falecimentos — Com 49 anos, faleceu, em 26 do mês findo, o nosso prezado amigo sr. António Augusto Cerdreira, honrado comerciante desta Vila, chorado esposo da sr.a D. Maria Cândida da Costa e cunhado de Frei Adriano José da Costa. Era um homem de bem, muito honesto e trabalhador, contando em redor de si inúmeras e sólidas amizades, pelo que a sua morte foi devida sentida e o seu funeral extraordinariamente concorrido.

Paz à sua bela alma e os nossos sentidos pêsames à família enlutada.

— Também faleceu, no Entonçamento, em 3 do corrente, o sr. Manuel Isidro de Sousa Contente, viúvo, de 77 anos, chefe de estação da C. P. aposentado.

O saudoso extinto, que quem escreve estas linhas conheceu muito bem, chefou durante muitos anos a estação ferroviária daquela vila e era uma figura verdadeiramente simpática, muito querido e respeitado pela sua nobreza de carácter e afabilidade de trato.

A toda a família enlutada, em especial a seus filhos srs. Manuel Contente de Sousa, chefe de secção da C. P. e Ilídio de Sousa Pereira, major da G.N.R., a sua nora Ex.ma sr.a D. Maria Ludovina-Ribeiro Lima Contente de Sousa, e a seu neto sr. Augusto Manuel Contente de Sousa, apresentamos as nossas condolências.

Subsídio — Pela Direcção Geral da Assistência, foi concedido à Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, para o corrente ano de 1958, o subsídio ordinário de 35.000\$00.

O tempo e a agricultura — Os primeiros quatro dias do mês foram de sol radiante, a que se lhes seguiu chuva copiosa; e, desde há dois dias que estamos a ser fustigados por violentíssimo temporal desfeito: trovão, chuva torrencial e vento ciclónico. Contudo, até à hora em que escrevemos esta carta, não temos, felizmente, conhecimento de grandes estragos, excepto nas laranjeiras.

— Os centeios estão bonitos, mas careciam de geadas

PARIS

(Continuação da 1.ª página)

ano, em casa; o Augusto viria definitivamente, no ano seguinte e o pobre autor destas linhas foi o que ficou e concluiu o seu curso. E havia o mesmo leitor de convidá-lo anos mais tarde a ir para uma cidade do estrangeiro, completar o seu curso. A bondade de Deus.

Pois o António estava em Paris, cheio de vida, de euforia e ainda novo de aspecto.

Nunca mais veio a Portugal, à sua terra e eu também nunca mais o tinha encontrado. Ao sair do metropolitano, lá estava ele à minha espera, alto, esbelto, elegante, cheio de vida. Abraçamo-nos longamente.

Falamos da nossa terra. Comparamos as duas pátrias, Portugal e a França. Fez-me um elogio extraordinário dessa terra que lhe tem dado o pão e o sustento para ele e os seus filhos. Que era uma grande nação. Eu signifiquei-lhe que era admirador da França, da sua cultura, da arte, da sua legislação social, das mais perfectas do mundo, da sua riqueza, mas por isso mesmo, admirava a minha terra, que não era tão rica, não tinha vastidões imensas do 2.º maior império do mundo, que não tínhamos a mesma vastidão de centros de estudo, mas apesar de tudo, tínhamos muitos aspectos, muitos mesmo, em que eramos superiores à própria França. Que era preciso vir a Portugal. Defendemos com calor as duas teses. E no fim, o meu antigo companheiro de estudos afirma, sandoso e sincero: — ainda um dia hei-de ir a Portugal e casar na nossa terra... (Sim, casar! A família portuguesa!)

Levantamo-nos da mesa do café e abraçamo-nos. Nunca mais tornei a ver o meu simpático e amigo companheiro de estudos. A França.

E fui a Malakof.

A colónia de Malakof não era muito numerosa, não, mas tinha a sua alma enamorada pelas grandezas de Santa Rita, do seu progresso.

Nota de ternura e de carinho pela sua terra foi a de um rapaz da Gave, creio que do lugar da Igreja, que pede faça tudo, tudo o que puder, para que a sua freguesia tenha um pároco. E como este bom contarrâneo advogou a necessidade de um pároco na Gave...

Ali encontrei, entre outros, rapazes de Fiães e de Loviô.

Os três irmãos Rodrigues, da Ladronqueira, o Soares de Loviô e o José da Carreira, de São Paio.

Todos deram para Santa Rita e com larga generosidade.

Fomos ainda visitar outras barracas, onde encontramos contarrâneos de Cubalhão. Todos deram e todos com muita simpatia para a nossa querida Santa Rita.

Intimaram-me aqueles meus amigos a ir jantar com eles. Mudaram os seus fatos de trabalho. Procuram um restaurante de luxo e entramos. Mandaram vir a ementa e entregaram-na com a intimativa de que escolhesse o que desejasse. Procurei, já que estava entre rapazes que trabalhavam amargamente de dia e durante o ano, para mandarem as suas economias à família, procurei na ementa, alguma coisa, que não parecesse mal e não ficasse muito caro.

Pois não. Respeitosamente, os meus amigos pedem-me a lista e mandam vir os pratos que lhes pareceram melhores. E explicam: "no trabalho, temos de ser trabalhadores; mas aqui não queremos parecer mal..."

Os rapazes da nossa terra. Os 3 irmãos Rodrigues, o Soares e o José de Carreira.

PADRE CARLOS

Peditório da O. V. S.

Alvaredo	180\$00
Castro Laboreiro, idem	50\$00
Cousso, idem	150\$00
Cubalhão, idem	100\$00
Gave, idem	160\$00
Lamas de Mouro, idem	60\$00
Paderne, idem	500\$00
Penso, idem	180\$00
Parada, idem	300\$00
Prado, idem	155\$50
Remoães, idem	43\$50
S. Paio, idem	470\$00
Vila, idem	250\$00
Rouças, idem	500\$00

Rouças

Fevereiro, 9

Realizou-se hoje a festa de Nossa Senhora das Dores, em Cavaleiros, tendo decorrido na melhor ordem e com muita piedade. Fez-se um tríduo em honra de Nossa Senhora, tendo vindo aqui todos os dias o nosso Rev. pároco e ontem houve a procissão das velas, com muita assistência de fiéis. Foi pregador da missa solene o Sr. Padre Albertino, de Chaviães e tomaram parte na santa missa os Srs. Abade da vila de Melgaço e de Fiães.

A Comissão foi constituída pelos Srs. António Esteves, Domingos Alves e Manuel Alves. Parabéns a todos, pois todos foram incansáveis para se conseguir o maior brilho nesta festa. Só foi pena que o tempo não nos ajudasse.

Foi baptizado nesta igreja, um menino, de nome Manuel Valente, do Crasto, filho do muito digno guarda-fiscal, Sr. Arlindo Alves e de Maria da Assunção Valente. Foram padrinhos os Srs. José Maria Esteves e sua esposa, Sra Ana Maria Domingues, abastados proprietários, de Requeijo.

Também foi baptizado, nesta igreja, um menino, de nome Alfredo filho de Manuel Alves e de Aurora Alves, do Paço. Foram padrinhos o Sr. Alfredo Afonso digno comerciante e a menina Maria Fernanda Afonso, de Cavaleiros.

Para o Porto, partiu inesperadamente o nosso bom amigo, Sr. António Alves, da Igreja, afilhado do Sr. António Alves, que foi internado no hospital de Santo António, para ser operado. Felizmente que se encontra melhor.

Em Fiães, uniu-se em matrimónio com o Sr. António Júlio Gonçalves, de Jugaria, a menina Piedade de Jesus Gonçalves, de Loviô. No fim do acto religioso os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Porto e Barragens de Paredela. Muitas felicidades.

Partiu para França o Manuel Alves de Carvalho.

Também para ali partiram, há dias, o Sr. Martins de Barros, conceituado comerciante em Bilhões e sua filha, Rosa de Barros. (C.).

QUINTAS

Vendem-se em Braga e arredores de de 80 a 1.500 contos.

Trata Bandeira, Santos & Barros Pereira, Lda Rua Nossa Senhora do Leite, 4 — Braga.

Parada do Monte

CASAMENTO — Consoviaram-se nesta freguesia José Augusto Alves, do lugar da Aldeia Grande, e a menina Maria Vieites de Carvalho, do lugar da Trigueira.

Após o enlace na igreja desta freguesia, foi servido em casa do pai da noiva um copo de água ao qual assistiram as pessoas da família. Aos noivos que são dotados de excelentes dotes desejamos um lar muito feliz e que lhes pese por não terem dado este passo mais cedo.

NASCIMENTO — Deu à luz uma criança do sexo feminino a sra. Puzza Pereira, esposa do sr. Justino Pires, do lugar do Carrascal.

Também deu à luz uma criança do sexo masculino a sra. Maria Pereira, esposa do sr. Caitano Rodrigues do lugar do Carrascal.

Também deu à luz uma criança do sexo feminino a sra. Maria Rodrigues esposa do sr. Armindo Lourenço do mesmo lugar.

Do Porto onde tinha ido fazer tratamento regressou o sr. António Afonso, do lugar da Trigueira.

Para França partiram alguns rapazes.

O TEMPO E A AGRICULTURA — Após uns dias de sol primaveril voltou a chuva e vento. Os pastos já oferecem outro aspecto. No dia 23 próximo passado nevou abundantemente, ficando as serras cobertas de neve durante alguns dias. (C.).

De Remoães

Fevereiro 9

Já porque foi domingo, já porque o dia esteve verdadeiramente primaveril, e já ainda porque a Comissão que a levou a efeito era constituída pelos srs. José Victor Rodrigues e José do Nascimento de Sousa Pinto, cujo brio, dinamismo e probidade são sobejamente conhecidos, a festividade que em honra de Nossa Senhora das Candeias se realizou, no pretérito dia 2, nesta freguesia, ultrapassou em brilho todas as expectativas.

Assim, na véspera, com uma noite de verão, houve uma deslumbrante procissão de velas e sermão pelo nosso rev. do Pároco, sr. P. e Albertino Pereira, e no dia missa solene a grande instrumental, pela capela da Banda de Monção, sermão pelo distinto orador sagrado rev. Júlio Ferreira de Azevedo, Abade de Barbeita, uma luzida procissão.

A igreja estava ornamentada a primor; abrilhantou esta linda festividade, até

SOCIEDADE Aniversários

Fazem anos: — amanhã as sras D. Albina Roa de Vasconcelos Mourão Passos de Almeida e D. Leonídia Cândida de Vasconcelos Mourão Passos Pereira e os srs. Artur Pires Teixeira e José Maria Pereira (Sobrinho); no dia 20 as sras D. Domingues e a menina Olivia da Conceição dos Santos Lima; no dia 23 a menina Maria do Rosário de Sousa e Castro; no dia 24 as sras D. Maria Amândia Fernandes Pereira e D. Violeta de Carvalho Esteves, a menina Maria José Moraes Esteves e o sr. Alcindo José Alves; no dia 26 a sra D. Maria Angelina da Conceição Alves da Silva Lima; no dia 27 as sras D. Beatriz Mendes Pinto e D. Júlia Meleiro Lourenço e o sr. Manuel Lourenço, e no dia 28 a sra D. Ema Augusta Fernandes da Rocha e os meninos António José Ribeiro Domingues e Jorge Manuel Salgado Soares.

No próximo dia 27 faz 3 anos a menina Maria Gabriela Flaminio Feliciano.

Parabéns aos pais, e muitas felicidades à Maria Gabriela.

ao meio dia, a falada banda de Monção, e durante todo tempo a «Cabeleira Sora de Valença».

A propósito, aquela Comissão encarregada de patentear aqui o seu indelével agradecimento para todos quantos contribuíram para o brilho e bom êxito desta inesquecível festividade, nomeadamente aos subcritores do estrangeiro que, em bora longe, não esquecem o seu e nosso terruño encantador — Remoães.

As obras da nossa igreja, que estão confiadas ao nosso critério o amigo sr. António Barbeitos da Silva, do «Hotel Rocha», ainda não estão concluídas, mas, em querendo Deus, se-lo-ão brevemente.

Os nossos pescadores vem aprontando as redes e os demais apetrechos piscatórios para mais uma safra, que, como é sabido, tem seu inflejo já no próximo dia 15. O rio, para já, leva um caudal regular, mas daqui até lá...

Enfim, seja como for, pois nisto, como em tudo, como muito bem diz o «Seringador» Deus super omnia. (C.).

Neve em Castro Laboreiro

Que mansidão tamanha — que brancura!
 A neve na montanha, sobre os prados
 Caindo no caminho branca e pura
 Num manto de folhacos prateados.

Há instantes, há passados momentos
 Tudo era verde, tudo vivia
 Aves voando ao sabor dos ventos
 A chilrear numa sinfonia.

E agora, brancas e piramidais
 Gelados os rios e as fontes
 Erguem-se figuras descomunais
 Num bailado triste sobre os montes

As casas, ao longe, de neve caídas
 À luz das estrelas, numa noite de luar
 São frágeis barquinhos de proas levantadas
 Longe da terra, à deriva sobre o mar!...

Chora a gente enlutada e condóida
 Porque a natureza morreu com a geada
 Naquela silêncio profundo emudecida
 Coberta com um manto, de branco amortalhada.

De longe a longe, de quando em quando
 Uma águia que foge assustada
 Quebra a monotonia esvoaçando
 Perdendo-se no ar com a geada.

Olha o Castrejo à sua volta
 Num triste olhar, com melancolia
 E' a pastagem pra' rês que lhe falta
 O pão que escasseia dia a dia.

Batendo nas vidraças e nos telhados
 Caindo nos caminhos e no Outeiro
 Também cai no coração dos desgraçados
 A neve fria em Castro Laboreiro!

Ariménio Simões.

Efemérides

Em 17 de Fevereiro de 1932, manifestou-se incêndio na Casa do Fecho, na parte habitada pelos caseiros, cuja ala direita já havia sido pasto das chamas de incêndio anterior.

× Em 25 de Fevereiro de 1570, a peste que desde o ano anterior assolava o País, invade a cidade de Braga, donde dois terços da população fugiu para os arredores. O arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires que andava em visita pastoral, regressa imediatamente e manda levantar no lugar da Deveza, a S. João da Ponte, um hospital que dota com pessoal médico e de enfermagem; faz guardar com vigorosa vigilância as portas da cidade e manda atear fogueiras nas ruas e praças, medidas estas graças às quais a peste, em Braga, não só durou pouco tempo como também fez reduzido número de vítimas.

Em memória deste acontecimento, foi levantado em S. João da Ponte o cruzeiro ainda ali existente, com a seguinte inscrição: — "Sendo arcebispo de Braga D. Frei Bartolomeu dos Mártires houve peste nesta cidade, no ano de 1570, e os impedidos foram trazidos a esta deveza".

Ora — e era aqui onde eu queria chegar — esta peste, que ficou conhecida pela peste grande, deve ter sido o germen dos clamores à Senhora da Orada e por consequentemente o motivo da erecção do cruzeiro ali existente, muito embora este ostente a data de 1567, anacronismo que por o mesmo ser levantado anos mais tarde, os bastantes para arraiçoar a memória do canteiro que a gravou ou a de quem lhe deu o "lá-mi-ré".

× Em 26 de Fevereiro de 1610, João da Lama e Puga, de Prado, comprou por nove cruzados a Gonçalo Meleiro, da mesma freguesia, uma parte de casa com seu rossio, que conjuntamente com alguns campos que já possuía, foi o núcleo da Quinta da Serra.

Este João da Lama e Puga, que era filho do capitão Diogo de Sousa Lama, de S. Paio, casou na Casa do Fecho com D. Ana de Castro, filha de Lopo de Castro, o Velho, e de sua mulher D. Leonor Bacelar, que lhe levou em

Paços, 9 Penso, 9

EXEMPLAR PROCEDIMENTO: — Não posso deixar de maneira alguma de louvar aqui nas colunas deste quinzenário a acção com que procedeu o Sr. Manuel Soares e família, para com o pároco desta freguesia. Quando por toda a freguesia não foi possível conseguir uma casa para recolher o nosso pároco, este deixa a sua própria casa, e vai morar para um palheiro, para recolher o nosso pastor na sua modesta casinha. Sim: casos desta natureza são raros, mas muito raros.

FALECIMENTO: — No passado dia 3, logo de manhã espalhou-se por toda a parte a triste notícia do falecimento da Sra. Rosa Gonçalves, mais conhecida por (Rosa Vigária). Esta pobre infeliz vivia de esmolas, mas só as recebia quando tinha falta.

Dias antes de falecer alguém a foi visitar, e no fim quis-lhe deixar uma avultada esmola. Esta recusou a esmola dizendo: não me faz falta tenho bem que comer e tenho dinheiro graças a Deus. E não a aceitou.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte tendo-se incorporado nele muita gente de ambas as categorias sociais. Bem demonstrou quanto era estimada no nosso meio. Paz à sua alma.

CASAMENTOS: — Foi no passado dia 26 que se

No lugar de Felgueiras faleceu a senhora Maria Ferreira Paços, com a idade de 70 anos, esposa querida do senhor António Fernandes, digno assinante deste quinzenário. Foi sempre um modelo no lar. A falecida era muito amiga dos pobres. Todos aqueles que lhe batiam à porta eram atendidos com as esmolinhas. Tinha o dom de bondade, a qual no seu enterro se reconheceu bem apesar do dia estar de muita chuva. Muita gente a acompanhou à última morada. Chegou à igreja, teve missa de corpo presente e ofícios,

realizou na Igreja paroquial de Chaviães o enlace matrimonial do Sr. José Carlos Mendes, com a Sra. Maria do Souto.

Também no dia seguinte, realizou-se na Igreja paroquial desta freguesia o enlace matrimonial do Sr. Manuel Esteves, com a Sra. Judite Mendes. Que sejam felizes.

Também está para breve o casamento do Sr. Vitorio, no Jaime Pires, filho do Sr. José Sílvia Pires e de sua esposa Sra. Júlia Pires, com uma menina de Lisboa. Este casamento vai realizar-se, ou já se realizou em Lisboa.

Fez no passado dia 27 o segundo aniversário natalício o jovem Fernando António do Souto Alves, filho muito querido do—C.

ESCOLAS DA VILA

(Continuação da primeira página)

Isto devia ter sido em uma das reuniões do mês de Julho, e, segundo nos consta, tais diligências, volvidos sete meses, ainda não foram feitas. Pergunta-se: — de quem foi a culpa?

Ultimamente, que diligências foram levadas a efeito para a construção da escola de Adofreire-Assureira, em Castro Laboreiro, incluída, também, desde fins de 1955, na VI fase de construção de escolas primárias? Também esta falta nos cabe a nós?

* * *

Para terminar, queremos fazer três perguntas ao articulista A. E., cujas respostas nos virão trazer a certeza de sim ou não o poderemos tomar a sério:

- 1.º — Diga-nos o que é que fez durante o tempo que esteve na Câmara?
- 2.º — Diga-nos o que é que fez durante o tempo que esteve na Direcção dos Bombeiros Voluntários?
- 3.º — Diga-nos o que é que fez durante o tempo que foi Provedor da Santa Casa da Misericórdia?

M. de Pinho Gonçalves

× E em 28 de Fevereiro de 1934, a Câmara, em sua sessão, nomeou chefe da Secretaria Municipal o sr. Herculano Arsénio Gomes Pinheiro, 7.º neto daquele João da Lama e Puga. Sucedeu ao saudoso Duarte Augusto de Magalhães.

MARTO

com as Confrarias das Almas e Sra. do Rosário. Paz à sua alma.

Pêsames a todos que se encontram de luto.

Também no lugar do Bairro Grande foi chamada à divina presença o Senhor Domingos Vaz, com 86 anos de idade. Fez diversas viagens ao Brasil. Era muito alegre, sempre bem disposto e risonho para toda a gente, motivo porque foi muito ocorrido o seu funeral com gente de todas as classes e respectivas confrarias. O correspondente de Penso dá os sentimentos a toda a família do falecido. Que descanse em paz.

No lugar de Casalmaninho a esposa do Sr. Carlos Manuel Rodrigues teve uma robusta criança do sexo masculino. Mãe e filho encontram-se bem.

Também a esposa do sr. Leandro Manuel Pereira teve uma menina. Ambas se encontram bem.

TEMPO: — Caminha com firme e é dado: frio e chuva que é o que se precisava para ver se os pastos para o gado e medram para não sofrerem de fome. — C.

Sei-Tudo

A DESCOBERTA DO PAPEL

Tsai-Lung, o grande sábio chinês que viveu há cerca de 2.000 anos, procurava registar nos frutos do seu trabalho de investigação material menos volátil que a pedra e mais durável que o papel. Depois de muitas experiências conseguiu produzir o material que procurava, com a casca de certa árvore. Passou muitas horas de trabalho árduo colhendo a casca, limpando-a, cortando-a em fragmentos e depois reduzindo-a a uma pasta fibrosa, num almoforiz. Acrescentando água à pasta obtida, tornou-a num fluido espesso, que espalhou em delgada camada num caixilho de madeira, que deixou secar ao sol, tendo o cuidado de alisar de vez em quando a superfície. Depois, como recom^{ta} pensa dos seus trabalhos, Tsai-Lung viu-se de posse da primeira folha de papel. SEPOL

Hilário Rodrigues

Este nosso presado assinante, guarda-fiscal no Algarve, dignou-se pagar a assinatura do ano corrente de «A Voz de Melgaço», enviando, para esse fim 25000. Muito obrigado.